



# O DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO

Redactores — A. FERREIRA ARBIOL — SAUL DE SOUSA

Redactor correspondente no Brasil — OCTACÍLIO M. DA COSTA

Redacção — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Administração — F. V. D' OLIVEIRA — Rua do 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira

## AOS MEMBROS DA IGREJA LUSITANA

Revmo. Bispo D. António F. Flandor

**Q**UANDO no Domingo, 24 de Junho, depois de um soleníssimo Serviço onde foi sagrado Bispo da Igreja Lusitana o Revmo. Senhor D. Luís César Rodrigues Pereira, eu o conduzi ao trono, entregando-lhe o báculo pastoral, exclamei:

«Irmãos, temos novo Bispo, o meu sucessor. Demos graças a Deus», eu senti o enorme peso que se transferia dos meus ombros no governo e guia da Igreja, para o daquele bom e fiel Servo de Deus, como senti também quão grande era agora a sua responsabilidade, quão difícil era a sua futura missão de Pastor de pastores.

Por isso, dirigindo-me a todos os membros da Igreja Lusitana, lhes venho rogar o seu amor, a sua disciplina e obediência, certo de ser escutado como sempre o fui, e atendido, quanto possível, como sempre me atenderam.

**AMOR** à Igreja e ao seu serviço devocional, servindo ao Senhor.

**DISCIPLINA** no cumprimento do seu ensino e deveres para o bom nome da mesma Igreja e seu crescimento.

**OBEDIÊNCIA** aos princípios fundamentais da Palavra de Deus e Seus Mandamentos, tudo quanto lhes diga respeito, glorifique o Santo Nome do Senhor e santifique a Sua Igreja.



Revmo. bispo D. Luís César Rodrigues Pereira

(Continua na página 8)

## EDITORIAL

A Igreja Lusitana, sagrando o seu 2.º Bispo, assinalou duma forma inequívoca a sua existência na comunidade portuguesa. Restaurada há perto dum século, tempo este de perseverança e firmeza na Fé Católica, aparece neste minuto instante, pela força da continuidade apostólica, como a expressão da Igreja Universal.

Seis bispos de diversas Igrejas Católicas Nacionais, espalhadas pelo mundo, estiveram presentes no acto da sagração, impondo as suas mãos sobre a cabeça do nosso bispo. Ao darem-nos a sucessão apostólica e reconhecendo-nos como parte integrante da Igreja Católica, testemunharam o bom entendimento e amor cristão entre nós e as comunidades que representavam, estabelecendo desta forma um verdadeiro elo ecuménico. O «Despertar» insere nas páginas deste número, a biografia de alguns desses prelados e um pequeno resumo histórico das Igrejas que pastoreiam, com o fim de evidenciar esta íntima ligação com a nossa Igreja.

O povo português esteve igualmente presente. O vasto templo seiscentista, repleto de gente oriunda dos vários sectores do pensamento religioso português, desde os mais radicais protestantes a membros do clero católico-romano, apresentava um aspecto surpreendente, misterioso, dos grandes momentos, e onde era evidente o interesse e a curiosidade dos assistentes. Até onde pudémos descortinar, sentimos ter havido uma compreensão real da relevância do acto e da posição da Igreja Lusitana no País. Os maiores diários portugueses, no dia seguinte, em relatos bem circunstanciados e até com reportagem fotográfica, marcaram com relevo a importância nacional da sagração no nosso bispo.

(Continua na página 9)



# A Igreja Velho-Católica dos Países Baixos

A Igreja Velho-Católica dos Países Baixos considera-se a comunidade de crentes Católicos na Holanda em ininterrupta continuidade da Igreja Católica do Ocidente. A sua *origem* remonta ao missionário anglo-saxónico Sto. Willibrord (691). Foi ele que conseguiu introduzir o Cristianismo na Holanda. Foi também o primeiro Arcebispo de Utreque. O actual Arcebispo é sucessor, em linha directa, de Willibrord.

Questões de carácter hierárquico, canónico e disciplinar, levaram a Igreja Católica da Holanda no século XVII a entrar em *conflito com a Sé de Roma*. Influenciada pela Ordem dos Jesuítas, Roma inclinou-se para o ponto de vista de que, por causa da Reforma, a organização da Igreja Católica na Holanda havia perecido. Este ponto de vista baseava-se na protestantização dos Cabidos.

Já Rovenius, Arcebispo de Utreque, (1614-1651), salvava a autoridade da sua Diocese pela instituição do assim chamado Vicariato (1633), e os seus sucessores na Sé de Utreque atribuíram, sem nenhuma objecção, os direitos de Cabido Metropolitano. Este Cabido actuava como agora, e contava, como hoje também, 9 cónegos. presididos pelo Arcebispo de Utreque.

Em 1702 Roma destituiu, por causa de insinuações infundadas, o Arcebispo de Utreque, Petrus Codde. Em consideração pelo seu sucessor o Cabido Metropolitano tenta, mas em vão, conseguir uma plataforma de acordo com Roma. O Papa deseja eliminar os direitos e a influência do Cabido de Utreque no tocante à eleição do Arcebispo.

Depois de consultar a Lei canónica van Espen (que morreu em Amersfoort) e depois de ter a certeza da aprovação dos bispos das Dioceses limítrofes, o Capitulo procedeu à escolha de *novo Arcebispo*: *Cornelis Steenoven*, em 27 de Abril de 1723. Este foi sagrado em 1724 pelo bispo Dominicus Varlet, missionário francês. A este facto seguiu-se a excomunhão de Roma. Esta excomunhão trouxe como consequência que os Católicos

## ARCEBISPO DE UTREQUE

Nasceu nos Países Baixos, a 10 de Janeiro de 1889, em Ouderkerk aan de Amstel, Holanda. Frequentou o Seminário Elementar (propedêutico e pré-teológico) de 1902 a 1908, no Seminário Velho-Católico de Amersfoort. E o Seminário Teológico de 1908 a 1914, no mesmo edificio. Ali foi ordenado subdiácono a 18 de Março de 1912; diácono, a 20 de Abril de 1913; e sacerdote, a 25 de Janeiro de 1914. De 1914 a 1920 foi pároco em Enkhuizen, e em Amersfoort de 1920 a 1937. Foi nomeado cónego Metropolitano do Cabido de Utreque a 14 de Setembro de 1926. E deste, ARCEBISPO DE UTREQUE a 6 de Abril de 1937, havendo sido sagrado na Catedral de Utreque a 15 de Junho do mesmo ano. Foi feito doutor em Teologia



Mgr. dr. Andreas Rinkel

h. c. da Universidade de Berna, Suíça, em 1938. É teólogo, liturgista e cultiva a música.

O arcebispo Rinkel sagrou diversos Prelados: Mgr. E. Lagerwey, bispo de Deventer, da Igreja Velho-Católica dos Países Baixos, em 1941. Mgr. J. van der Oord, bispo de Harlem, da mesma Igreja, em 1945. Mgr. dr. O. Steinwachs, sufragâneo para a Igreja Velho-Católica da Alemanha, em 1947. Mgr. dr. S. Török, bispo de Áustria (Viena) para a Igreja Velho-Católica da Alemanha, em 1951. Mgr. dr. U. Kury, bispo da Suíça (Berna)

holandeses passaram a duvidar da legitimidade da administração dos Sacramentos. Além disso, os Colégios para preparação de clérigos holandeses, que haviam sido estabelecidos em Louvain, foram boicotados e encerrados sob a acusação de Jansenismo.

Este facto teve como consequência, em 1725, a fundação do Seminário Velho-Católico em Amersfoort, que ali funciona até agora, e desde 1957 em novo edificio. Este Seminário tem os seus próprios Professores. Dá uma preparação teológica completa e tem uma Biblioteca e Arquivos, internacionalmente conhecidos, especialmente ricos em obras referentes a Port-Royal, ao Agostinianismo e ao Jansenismo.

Para fortalecimento da *Sucessão Apostólica* nos Países Baixos, o Arcebispo de Utreque nomeou, em 1742, um bispo para a Sé de Haarlem (vaga desde 1578) e em 1758 um bispo para a Sé de Deventer. Roma, a esses actos de governo diocesano de Utreque reagiu com novas excomunhões. Mas o Cabido Metropolitano e o Arcebispo ficaram firmes e pediram a Roma a convocação de um Concílio para julgar o caso da Igreja de Utreque. Um Concílio Provincial de Utreque (1763) realça o espírito conciliatório da Igreja de Utreque, mas o

para a Igreja Velho-Católica da Suíça, em 1955. Mgr. P. J. Jans, bispo de Deventer, para a Igreja Velho-Católica da Holanda, em 1959. Mgr. V. Huzjak, bispo da Grécia (Zagreb) para a Igreja Velho-Católica da Jugoslávia, em 1961.

O arcebispo de Utreque é Presidente ex-officio da Conferência Internacional dos bispos Velho-Católicos.

Nesta qualidade o arcebispo Rinkel visitou este ano, de 28 de Março a 4 de Abril, o Patriarca de Constantinopla, Athenagoras, acompanhado pelo Mgr. dr. U. Kury, Secretário da interna O. C. Conferência de bispos, e pelo cónego prof. dr. P. J. Maan de Utreque.

Esta visita teve por fim renovar e fortalecer as relações de amizade existentes (desde 1874) entre as Comunhões Velho-Católica e Ortodoxa Oriental, e teve como resultado a decisão de se constituir uma comissão teológica mixta para promover a possibilidade da plena Comunhão entre as comunhões Velho-Católica e Ortodoxa.



Papa Clemente XIII anula as suas conclusões, sob influência dos Jesuitas.

Depois disso estabelece-se a separação entre Utreque e Roma. Entre os factores que conduziram à separação entre Roma e Utreque sobressai o carácter ambíguo do Concílio de Trento (1545-1563), o qual tomou a posição contra a Reforma, mas guardou silêncio sobre algumas questões em aberto no Campo da Igreja Católica do Ocidente, tais como: Devia a Igreja do Ocidente ser uma Igreja papal ou episcopal? E qual seria a sua doutrina da Graça, de acordo com Santo Agostinho ou com o Semi-Pelagianismo?

Não obstante o Galicanismo em França, o Concílio de Trento promoveu o sistema e doutrina jesuítico-papal, que se esforçava por conquistar o poder. O assim chamado erro Jansenista tinha de servir de arma agressora. Nos Países Baixos, nos dias do Arcebispo de Utreque, Johannes van Neercassel (1661-1680), foi usado em vão, mas em França, depois da Bula «Unigenitus» de 1713, o seu emprego foi mais ou menos coroado de êxito. O mosteiro de «Port Royal», que no século XVII promovera forte reavivamento religioso na Igreja Católica de França, caiu materialmente vítima desta manifestação do poder jesuítico.

A história e a luta espiritual deste mosteiro está intimamente ligada à Igreja Velho-Católica dos Países Baixos. O museu da Igreja Velho-Católica de Utreque ou os arquivos do seu Cabido Metropolitano e a biblioteca do Seminário Velho-Católico em Amersfoort, assim como a galeria de retratos, dão testemunho disso.

Além da Igreja Velho-Católica dos Países Baixos e do *Galicanismo* posterior em França, o *Febronianismo* na Alemanha, o *Josephismo* na Áustria e o Concílio de *Pistoja* na Itália (1786) foram fortemente influenciados do ponto de vista espiritual pelo reavivamento de Port-Royal.

Esta influência apoiou a Igreja Velho-Católica dos Países Baixos na sua obstinada persistência contra a interferência da Cúria Romana no governo da Igreja.

A introdução da nova hierarquia Católica-Romana em 1853 não

foi igualmente resultado do êxito teológico ou moral, mas sim maquinação política para a qual este período deu boa oportunidade.

Desde então existem nos Países Baixos dois Arcebispos de Utreque e dois Bispos de Harlen, igualmente reconhecidos pelo governo da Holanda.

A Igreja Velho-Católica dos Países Baixos, depois de 1870, foi fortemente apoiada pela influência das crescentes *Igrejas Velho-Católicas noutros países*, especialmente Alemanha, Suíça, e mais tarde Áustria, Checoslováquia, Polónia, Grécia e pela Igreja Católica Nacional polaca da América. A língua materna foi introduzida na liturgia, o celibato obrigatório para padres e bispos foi abolido. A fatigante defesa da verdade Católica e dos direitos episcopais contra os erros de Roma no passado continua-se num protesto contra os novos dogmas de 1854, 1870 e 1950. No século XIX o número dos seus membros reduzira-se a 5000, mas depois de 1870 aumentou para 12000 e ainda está a crescer, embora paulatinamente.

A plena comunhão com as *Igrejas Anglicanas* e as relações amistosas com as *Igrejas Ortodoxas do Oriente* colocaram a Igreja Velho-Católica dos Países Baixos, juntamente com as suas Igrejas irmãs de outros países, no centro do *Movimento Ecuménico*, como exemplo claro de que o catolicismo é possível sem a obediência a Roma.

A Igreja Velho-Católica dos Países Baixos sente vivamente a dor das dissensões na Igreja de Cristo. Ela espera ser mais e mais um exemplo tanto para Roma como para o Protestantismo da unidade da Igreja provada na Santa Escritura, Santa Tradição, no Ministério Apostólico.

A Igreja Velho-Católica dos Países Baixos possui agora 3 bispos, 28 paróquias e outros tantos párcos de tempo integral.

---

«Para que agora, pela Igreja, a multiforme sebedoria de Deus, seja conhecida dos principados e potestades nos Céus» (Efés. 3, 5).

## Sermões de 5 minutos

Rev. Agostinho Arbiol

«E haverá um só rebanho e um só Pastor»

(S. João 10:16)

*A paz de Deus seja convosco:*

*A recente sagração do bispo que a Igreja Lusitana elegeu no dia 21 de Outubro do ano findo, foi um acontecimento de grande significado espiritual. A Igreja que o elegeu, compete prestar-lhe obediência, respeito e amizade porque só assim reconhecerá que ele foi chamado por Deus para desempenhar tão alto cargo. Os seus fiéis devem, qual rebanho submisso e leal, confiar na sua inteligência, piedosa vocação e amor à Igreja que solenemente prometeu servir.*

*A Igreja Lusitana, guardando desde tempos remotos a ordem e a disciplina da Igreja do Novo Testamento pode, pelo seu exemplo de fidelidade àquele que Deus chamou para a dirigir, estabelecer um marco miliário no caminho da unidade cristã.*

*Se a Igreja Lusitana, pela sua perseverança e fé, procurar chamar, pela pregação do Evangelho, as ovelhas que não são do aprisco de Jesus; se os seus membros se amarem uns aos outros, e se perdoarem mutuamente; se fizerem aos outros o que gostariam que lhes fizessem a eles; se, enfim, exercerem a caridade que cobre a multidão de pecados, terá então feito a sua parte para que haja um só rebanho e um só pastor. Embora longínqua a meta, esta será atingida, se a Igreja seguir pelo caminho da unidade da fé indicado pelo Apóstolo S. Paulo na Epístola aos Efésios 4:5.*

*«Há um só Senhor, uma só fé, um só baptismo». Amen.*



## Notas

# SOBRE A IGREJA ESPANHOLA REFORMADA EPISCOPAL

Em Espanha não houve liberdade religiosa, desde os tempos da Inquisição, até ao ano de 1868, altura em que a rainha Isabel II foi destronada. Na última metade do século XIX, contudo, fazia-se trabalho clandestino com mira à fundação de congregações religiosas dissidentes de Roma. Algum deste trabalho foi descoberto, e os seus dirigentes ou tiveram que fugir para fora da Pátria ou foram condenados e postos na prisão. Entre os expatriados havia alguns ex sacerdotes de Roma. Um deles, o rev. João Baptista Cabrera, foi o homem escolhido por Deus para a organização da Igreja Espanhola Reformada Episcopal.

Depois de Isabel II haver sido destronada, as cortes proclamaram a liberdade de consciência. A breve trecho chegaram à Espanha muitos *missionários*, trazendo cada qual as ideias e forma de igreja da denominação protestante a que pertenciam. D. João Cabrera, D. Francisco Palomares (médico e ex sacerdote romano) e outros mais, desejavam para a Espanha, uma Igreja Espanhola, a qual, deixando os erros que se opunham às Escrituras e à forma e práticas da antiga Igreja, pudesse ressuscitar, na sua essência, a antiga Igreja de Espanha, onde muito cedo o Cristianismo lançou raízes.

Como consequência disso, em 1880, em Madrid, foi convocada uma reunião, na qual estiveram representadas três congregações de Sevilha, uma de Málaga e outra de Madrid. Esse foi o primeiro Sínodo da I. E. R. E. Presidiu a esse Sínodo o bispo Riley, oriundo dos vales do México, o qual antes de chegar a Madrid ordenou um jovem de diácono, em Málaga e, no dia seguinte, em Sevilha, o ordenou de presbítero. Neste mesmo Sínodo foi eleito bispo o rev. João Baptista Cabrera, decidiu-se enviar uma mensagem à Igreja da Irlanda pedindo intercomunhão com ela, e resolveu-se organizar a

## BISPO DA IGREJA ESPANHOLA REFORMADA

O actual bispo da I. E. R. E., D. Santos Martin Molina Zurita, nasceu numa povoação do Norte de Andaluzia, a Carolina, e criou-se num centro mineiro, em plena Serra Morena, onde seu pai era empregado das minas. Ali assistiu, em criança, à Escola Dominical, que era dirigida por uma senhora inglesa, da Igreja Anglicana, cujo irmão era engenheiro nas minas, e cujo pai havia sido um dos proprietários das ditas minas.

Tinha o bispo Molina 7 anos quando seu pai morreu. A mãe ficou viuva com mais 4 filhos. O bispo Molina teve que ir trabalhar para as minas, apesar de ser ainda criança. Todas as noites assistia à Escola da Companhia mineira. Em breve esteve em condições de passar para os



Revmo. bispo D. Santos Martin Molina Zurita

escritórios. Os irmãos mais velhos foram casando. Ele ficou, com um seu irmão menor, a cuidado de sua mãe. Esta morreu finalmente, quando ele tinha apenas 19 anos.

No centro mineiro formou-se uma congregação que ingressou na I. E. R. E. Miss Haselden, que então dirigia aquele grupo de crentes, foi impedida de continuar a fazê-lo, pelo que o jovem Molina, com outros mais, tomaram a direcção.

Agora que estava também órfão, o jovem Molina pensou aproveitar qualquer oportunidade para preparar-se para o Minis-

Igreja Espanhola Reformada Episcopal, segundo os moldes da antiga Igreja Espanhola.

O então bispo de Meaht, Lord Plunket, e mais tarde Arcebispo de Dublin, visitou a Espanha, viu as possibilidades que havia para a Igreja tanto em Espanha como em Portugal, e desde então, ele foi um verdadeiro Pai em Deus para as Igrejas Reformadas da Península.

O bispo-eleito, rev. Cabrera, entregou-se, em conjunto com outros ministros, à tarefa de organizar a Igreja e de elaborar uma Liturgia que seguisse a linha do antigo rito espanhol visigótico e moçárabe, o que com efeito se conseguiu ao cabo de uns poucos de anos. A Igreja passou por suas dificuldades, e em alguns círculos da comunhão Anglicana não se ocultaram os escrúpulos; porém a visão clara, o amor pelas necessidades da Península nesta ordem e a tenacidade do Arcebispo Plunket, teve como resultado que passados 14 anos da eleição do bispo Cabrera, foi este sagrado em 1894, por três bispos da Igreja da Irlanda. A título de curiosidade acrescentaremos que ao ser sagrado o bispo Cabrera, tinha a I. E. R. E. 9 ministros, dos quais 7 haviam sido presbíteros na Igreja Romana. O bispo Cabrera permaneceu à frente da Igreja até à sua morte, ocorrida em 1916. Ele cuidava também da Igreja irmã de Portugal, e por suas mãos foi ordenado de diácono e de presbítero o bispo Fiandor. Por morte do bispo

(Continua na página 11)

tério da sua Igreja. Esta oportunidade se lhe deparou em Sevilha. Era preciso ali um auxiliar para uma Escola. Para esse efeito se dirigiu ele ali. Quando chegou a Sevilha ainda não tinha 20 anos completos. Ali fez o curso do Liceu, e do Magistério e estudou Teologia. No fim dos seus estudos, por morte do rev. Joaquim Mezo, pôde tomar a seu cargo a direcção da Congregação de S. Bazilio, onde permaneceu por mais de 30 anos.

Por morte do bispo-eleito, rev. Fernando Cabrera, pensou-se que a I. E. R. E. deveria ter o seu bispo. Já o rev. Molina era vice-presidente da Comissão Permanente do Sínodo. Em Outubro de 1954, com a presença do bispo Keeler, foi convocado o Sínodo. Neste Sínodo foi eleito bispo o presbítero rev. Santos M. Molina.

A preparação para a sua sagração levou algum tempo, mas a 29 de Abril de 1956 esta foi levada a cabo, sendo sagrante o actual arcebispo de Armagh em Irlanda, e assistentes, o bispo Keeler, de Minnesota, e o bispo Mollete da Índia do Norte.



# POR UMA MAIOR

## COMPARTICIPAÇÃO EPISCOPAL

Alguns imaginam a Igreja Lusitana como sendo uma Igreja «Anglicana». Essa ideia é de certo modo compreensível, pela razão de que, por muitos anos, a Igreja Lusitana tem mantido e estreitado laços de amistosa fraternidade com muitos Anglicanos e suas Igrejas, notoriamente com a Igreja da Irlanda. Todavia a Igreja Lusitana subsiste por si própria; é uma Igreja nacional, que se governa a si mesma, independente, em plena comunhão com Igrejas Anglicanas e outras, mas expressando a singular maneira de ser e cultura do povo português, em plena e responsável liberdade.

Como as Igrejas Velho-Católicas ou a Igreja independente das Filipinas, por exemplo, ela faz parte de um grupo de Igrejas Católicas Reformadas que existem em cada Continente. Estas Igrejas — Anglicanas bem como as outras — estão ligadas umas às outras por laços fraternais de plena comunhão. Isto foi vividamente simbolizado na Sagração do dr. Pereira, quando dois bispos Velho-Católicos, associados com o bispo Molina da Igreja Espanhola Reformada Episcopal, o bispo Fiandor, bispo Krischke da Igreja Episcopal do Brasil, e eu próprio, na solene imposição das mãos.

Assim também o novo Conselho de bispos da Igreja Lusitana ilustra vividamente este facto. Este Conselho supre muito do que se necessita em conselhos, bem como em convivência e amparo para os bispos e as Igrejas Lusitana e Espanhola. Originalmente era constituído por bispos da Igreja da Irlanda. Agora foi proposto incluir bispos americanos e outros Anglicanos, um Velho-Católico, um da Igreja Independente das Filipinas e, talvez outros mais, com o decorrer do tempo.

### BISPO S. BAYNE

O revmo. Stephne Bayne é bispo da Igreja Protestante Episcopal nos Estados Unidos, desempenhando actualmente as funções de Secretário Executivo da Comunhão Anglicana, com sede em Londres. Como Secretário Executivo, o bispo Bayne é o principal elo de ligação oficial entre as dezoito Igrejas da Comunhão Anglicana, e está encarregado da coordenação das actividades destas igrejas de carácter ecuménico, missionário e outras. Como primeiro detentor deste cargo, ele principiou a desempenhá-lo no dia 1 de Janeiro de 1960. Serve também a Igreja Americana como bispo a cargo das Igrejas americanas (episcopais) na Europa.

Nasceu em 1908 na cidade de New York. O bispo Bayne foi educado ali e no Amherst College, e preparou-se para as



Sagradas Ordens no Seminário Teológico Geral, em New York, onde permaneceu ainda após a formatura como assistente e tutor até 1934. Depois do ministério parochial em St. Louis e Northampton, tornou-se capelão da Universidade de Columbia em New York, onde permaneceu até 1947, altura em que foi eleito bispo de Olympia (Estado de Washiton Ocidental, tendo a sua Sé na cidade de Seattle). Durante a guerra serviu como capelão na força armada dos Estados Unidos.

O bispo Bayne sempre tem mostrado particular interesse no trabalho da Igreja em Universidades e Colégios, e também tem tomado larga parte em actividades ecuménicas. Como bispo americano, é membro do Conselho Nacional daquela Igreja. É casado, e é pai de cinco filhos.

Revmo. bispo Stephen F. Bayne Jr.

Ora a comunhão destas Igrejas — cerca de uma dúzia de diferentes tradições — é muito real e importante. Todas elas são Igrejas que confessam a fé histórica da Igreja de Cristo, esenta de indignas adições humanas, e que participam do Ministério Histórico, Apostólico da Igreja. Assim há uma perfeita unidade entre elas, muito embora cada uma seja inteiramente senhora dos seus próprios destinos, sob a autoridade de Deus, uma unidade principalmente expressa e cumprida no facto de cada uma poder receber clérigos e povo das outras em plena participação da sua vida sacramental.

Esta «Mais Larga Participação Episcopal» (como foi chamada pela Conferência de Lambeth em 1958) não incluiu todos nem mesmo a maioria dos Cristãos. Pela misericórdia de Deus algum dia o fará; porque até que haja esta grande unidade entre todo o Seu povo, a oração de nosso Senhor que «todos sejam um» não será cumprida. Até lá, o nosso dever é tomar parte plena na vida ecuménica dos Cristãos em todos os campos que pudermos — talvez principalmente com os outros cristãos, em nossos próprios países, com os quais ainda não podemos ter a incondicional fraternidade da plena comunhão, mas cedo, querendo Deus, a teremos.

Mas até lá lembremo-nos de dar graças a Deus pela unidade que já nos concedeu no Conselho Mundial das Igrejas, e, acima de tudo, por esta singular comunhão de Igrejas, que estão unidas nos elementos essenciais da Ordem e Fé históricas. A unidade é uma como a luz é uma; por conseguinte sejamos atentos e gratos pela luz duma lâmpada, até que todos nos possamos reunir ao resplendor do sol da plena fraternidade.



O dia havia acordado glorioso, dia verdadeiro de Verão, em que o sol irradiava luz intensa e o calor se fazia sentir, apenas amenizado pela brisa que vinha, suave, do Tejo. A sagração estava marcada para as 10.30, no vetusto templo seiscentista da Catedral de S. Paulo, património da Igreja Lusitana desde 1899, mas que pertenceu, com o convento anexo, aos frades carmelitas descalços, até 1835, quando da sua expulsão do País, após a revolução liberal.

Muito antes, porém, da hora marcada, já poucos lugares havia vagos. Quando começou a cerimónia a enchente era completa. Entre os assistentes encontravam-se membros de quase todas as congregações

da Igreja Lusitana, crentes de diferentes confissões religiosas reformadas, muitos curiosos, e até membros do clero católico-romano, que certamente desejavam informar-se do que ali se ia passar.

O templo apresentava um ar festivo. No presbitério, ornamentado apenas com flores, havia, fora do habitual, um grande número de cadeiras que fazia prever a presença de altos dignatários da Igreja, de resto já há muito anunciado virem de vários países. O Coro misto da Igreja, dirigido pelo mestre de capela, dr. Leopoldo de Figueiredo, encontrava-se situado à esquerda do transepto, e revestido, o elemento feminino, com vestes de cor preta e gola de renda branca; e o masculino com simples togas também pretas, o que lhe dava um tom austero de coro não conformista. Ao órgão estava D. Isabel Freire Messias.

Às 10.30 prefixas toda a congregação se levanta e entoa com alegria e entusiasmo a velha música conhecida pelo «Old hundred» e cuja letra, parafrase

# SAGRAÇÃO DO REVMO. BISPO D.

poética do salmo C, é da autoria do rev. cónego Eduardo Moreira.

«Nações da Terra celebrai  
Em voz bem alta o Criador!»



No começo da cerimónia, os bispos entrando em precisão no Presbitério

Ao mesmo tempo subiam o templo, em marcha de procissão, e na ordem devida: os pregadores leigos da Igreja Lusitana, os dignos representantes oficiais das diferentes Igrejas Evangélicas de Portugal, o clero da Igreja Lusitana, o bispo-eleito, os bispos assistentes e o bispo

sagrante, D. Edmundo Machado Krischke, bispo da diocese meridional da Igreja Episcopal Brasileira.

Os bispos assistentes eram: dr. Andreas Rinkel, arcebispo de Utreque, Holanda; D. Stephen Bayne, secretário executivo da comunhão Anglicana; Mgr. dr. Petrus Josephus Jans, bispo de Deventer, Holanda; D. Santos Molina, bispo diocesano da Igreja Espanhola Reformada Episcopal; e D. António Ferreira Fiandor, bispo-resignatário da Igreja Lusitana. Os Arcebispos de Cantuária e de Yorke fizeram-se representar oficialmente pelo prebendário da catedral de S. Paulo de Londres, rev. Gage Brown.

Eram convidados de honra o Superintendente da Igreja Metodista, rev. Albert Aspey, e o representante do Moderador da Igreja Presbiteriana de Portugal, rev. Octávio Guedes Coelho.

As vestes dos bispos e as mitras diferentes, segundo as tradições dos seus países, ao aparecerem, fizeram sensação, pelo colorido dos seus matizes, a uma

## NA CATEDRAL DE no dia da festa da nativ

assistência pouco habituada a cerimónias, que seguem as tradições da Igreja histórica. A simplicidade, porém, com que eram usadas, impunha uma tal dignidade, que a impressão produzida não induzia a possíveis reparos de excesso ou fausto, como talvez as pessoas que nos lêem poderão ter pensado, mas, por uma compreensão natural e humana, a uma emoção real do volume e da grandeza espiri-



Um aspecto geral da cerimónia d

tual do momento. E cedo se esqueceram do que era apenas aparente, para se concentrarem no significado do acto, profundo de sentido, e elo de adoração e prece, que unia toda a assistência, leigos e clero, estranhos e crentes.

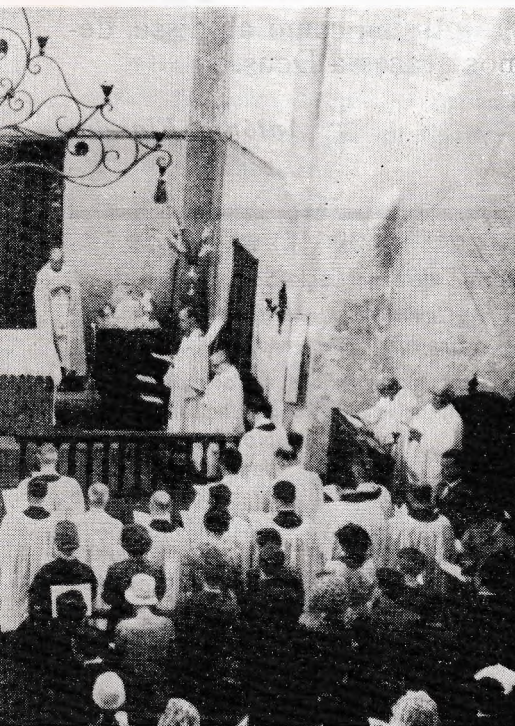
Iniciado o rito da Sagrada Eucaristia, sendo celebrante o bispo D. Edmundo Krischke, o serviço divino seguiu sem interrupção até à altura do sermão, que foi feito pelo mesmo bispo. A liturgia foi sempre acompanhada pelo povo, que respondia firmemente nos resposos e cantava as diferentes partes que a rubrica assim o indicava, como o *Kirie*, o *Gloria Patri*, o *Gloria Tibi*, o *Credum Nicenum*, o *Sanctus*, o *Gloria in excelsis*, etc. A música, da autoria



# LUÍS CÉSAR RODRIGUES PEREIRA

## S. PAULO — LISBOA Catedral de S. João Baptista

do mestre de capela, dr. Leopoldo de Figueiredo, impressionou vivamente, por exprimir numa forma natural, o sentido espiritual das palavras, dando ênfase à mensagem que brotava dos corações dos fiéis. Segundo a opinião de um dos bispos, Mgr. Andreas Rinkel, «a música litúrgica que se cantou, dentro de um estilo que lhe era estranho, e que assentava possivelmente em raízes da música portu-



agração na Catedral de S. Paulo

guesa, ressaltava por vezes reminiscências do gregoriano, como que unindo o presente ao passado». E na opinião do mestre de cerimónias, «a música teria sido a matéria aglutinante da grandeza do serviço divino». Certamente o povo sente melhor o sentido das palavras quando canta uma música que acaba por compreender, na condição, porém, de estar dentro das suas tradições e não cair (e isto é importante) na banalidade corriqueira inexpressiva. Foi esta a descoberta genial de Lutero, quando adaptou a música popular (*mas séria*, e nisto não há antagonismo, como poderão pensar) à música religiosa.

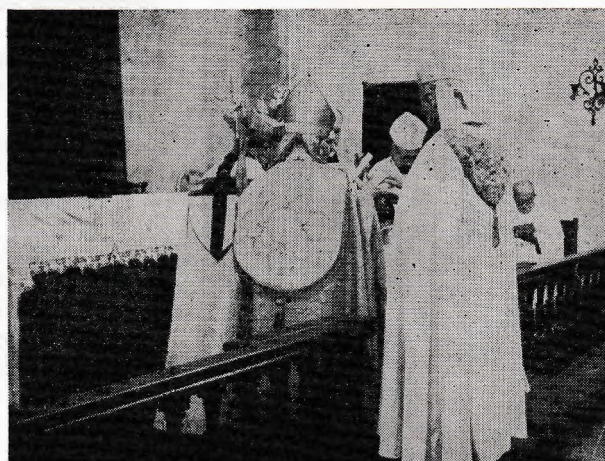
Ao sermão, Sua Revma. falou da missão de bispo, Pastor dos pastores, presente sempre em toda a diocese e amparando

as congregações com a sua presença e auxílio espiritual. Fez votos para que num futuro não remoto todos os bispos possam reunir-se num concílio ecuménico, representativo da universalidade da Igreja.

Acabado o sermão, seguiu-se a apresentação do bispo-eleito ao bispo sagrante, por dois bispos assistentes: os revmos. D. António Fiandor e D. Santos Molina. O bispo-eleito, ladeado por estes dois bispos, dirigiu-se para a teia, e, firmemente, respondeu às perguntas diante de toda a congregação, declarou obedecer aos cânones, ao Sínodo Geral e ao Conselho dos Bispos, e rejeitar a autoridade espiritual ou eclesiástica do bispo de Roma ou de qualquer outro prelado estrangeiro, que queiram interferir nos assuntos da Igreja Lusitana, cuja independência total prometeu defender.

Seguiu-se depois a oração da Ladainha. Todos de joelhos, recitaram tervorosamente esta oração, que foi dirigida pelo rev. Josué de Sousa Junior.

Acabada a Ladainha, começou o exame espiritual ao bispo-eleito, feito pelo bispo sagrante, e às perguntas — se estava persuadido de que nas Santas Escrituras se continha toda a doutrina; se prometia estudá-las com diligência; se renunciava a toda a impiedade e desejos mundanos; se procuraria promover entre todos tranquilidade, paz e amor; e se se mostraria manso e misericordioso para com os pobres e estranhos destituídos de socorro — o rev. dr. Luís Pereira respondeu a todas elas com voz segura e convictamente.



Momento culminante da cerimónia — o acto da sacração. Todos os bispos impõem as mãos sobre a cabeça do bispo-eleito.



O bispo recém-sagrado, dando a sua primeira bênção.

o seu uso: «Recebe o Espírito Santo». Estava sagrado o bispo-eleito. Desde os Apóstolos, o mandato divino, através de dois mil anos, vinha sendo transmitido de bispo para bispo, desses mesmos Apóstolos aos quais Cristo ordenara: «Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura». Não há palavras que possam dar o sentido perfeito da força divina que se manifesta na sucessão apostólica, pe-

Era a altura do bispo-eleito se retirar para revestir-se com as vestes episcopais. O coro, durante este espaço de tempo, entou a inspirada melodia de Handel, conhecida pelo nome de «Largo».

Já revestido e acompanhado pelo mestre de cerimónias, rev. dr. Pina Cabral, dirige-se para o presbitério e ajoelha-se devotamente à entrada, orando, enquanto o coro cantava, em surdina, estando toda a

Congregação de pé, o «Veni Creator Spiritus», e em que foi solista D. Maria Alice Serrano e Silva.

Foi então que a cerimónia atingiu o momento culminante de grande emoção, o clima de toda a liturgia da sacração. O silêncio que se fez no Templo

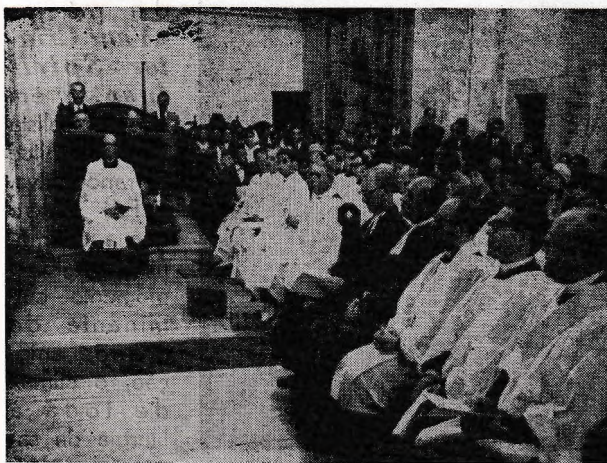
suspendia o ambiente, comovendo toda a assistência. Todos se compenetravam do significado profundo e transcendente do que se ia passar. Tinha-se chegado ao momento em que o bispo-eleito ia ser sagrado.

Os seis bispos presentes rodearam o bispo-eleito, que se encontrava ajoelhado, e lhe impuseram as mãos sobre a cabeça, dizendo: «Recebe o Espírito Santo para o ofício e ministério de bispo na Igreja de Deus, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amen». E os bispos da União de Utreque, com as mãos sobre a sua cabeça, disseram, conforme



rante o mundo de hoje, que mais do que nunca, desorientado em suas directrizes, necessita do Evangelho de Cristo, exposto com naturalidade e simplicidade, mas com a autoridade intrínseca, e não imposta arbitrariamente, das ordens instituídas.

Nessa altura o bispo sagrante entrega-lhe uma Bíblia, dizendo: «Dá-te com atenção à leitura, à exortação e à doutrina. Medita nas verdades que se contém neste



Um aspecto da assistência, vendo-se, ao fundo, o bispo-eleito antes do acto da sagração

Livro». O novo bispo dirige-se então do presbitério para o cadeiral, que se lhe havia destinado, ao lado da Epístola.

A liturgia da Sagrada Eucaristia, interrompida pelo cerimonial da sagração, continuou depois. A comunhão foi dada por dois presbíteros da Igreja Anglicana e dois da Igreja Lusitana. Comungaram mais de duzentos fiéis, num silêncio, respeito e ordem que nem sempre se verifica, quando é grande e rápida a aglomeração dos comungantes. Após o «*Gloria in excelsis Deo*», o novo bispo recebe as insígnias da sua dignidade, oferecidas pelos presentes, e os símbolos da autoridade episcopal, o anel, a cruz e o báculo. Este foi-lhe solenemente entregue pelo bispo seu antecessor, D. António Ferreira Fiandor, que em voz alta e comovente proferiu as seguintes palavras: «Irmãos, temos novo bispo, o meu sucessor. Demos graças a Deus». Foi realmente um momento bastante emocionante. O povo não havia esquecido o seu antigo e querido bispo, que, havendo chegado ao limite da idade, mas ainda em pleno vigor da sua mente, cedeu o seu lugar a um mais novo que pudesse continuar o mandato episcopal em pleno vigor das suas forças e faculdades. Assim D. António Fiandor o sentiu. Assim o povo o compreendeu. E na festa íntima que se seguiu no salão social, o testemunhou com uma vibrante e demorada salva de palmas.

As outras ofertas foram: **Uma colecção completa de todas as obras teológicas** da autoria do primaz de

Inglaterra, entregue pelo prebendário, rev. Gage Brown, em nome do Arcebispo da Cantuária; a **capa** e a **mitra**, ofertas da Diocese do Brasil meridional, e entregues pelo bispo presente, D. Edmundo Krischke; **um exemplar raríssimo do missal bracarense**, oferecido pelo rev. cônego Eduardo Moreira; **uma alva de linho**, oferta da congregação de S. Paulo; **uma casula e o anel episcopal**, oferta da congregação da S. Mateus, Vila Franca de Xira, onde o novo bispo havia pastoreado durante mais de 20 anos; **uma cruz peitoral**, oferta da congregação do Salvador do Mundo—Prado—V. N. de Gaia; etc., etc.

A cerimónia da entronização foi igualmente cheia de significado. O novo bispo, conduzido pelo seu antecessor, dirige-se para o cadeiral, situado atrás do altar, enquanto o povo canta entusiasticamente o TE-DEUM LAUDAMUS, com a música do falecido e antigo pregador leigo da Igreja Lusitana, Prof. Eurico de Figueiredo, que a

havia composto quando apenas tinha 15 anos de idade, revelando já o talento musical que se iria revelar mais tarde com a pujança que encantou os que tiveram o ensejo de o conhecer.

Tínhamos chegado ao fim da cerimónia. Todos ajoelham e o novo bispo lança a sua primeira bênção episcopal. Estava começada, para este novo antiste, uma nova era, um novo período da sua vida, consagrada desde novo ao Evangelho, e que será um período da nossa Igreja, de cuja acção e desenvolvimento espiritual dependerá muito da forma como todos se reunirem ao redor dele e o ajudarem na árdua tarefa de Pastor dos pastores. Forma-se depois a procissão de saída do clero e dos leigos pregadores, com as imponentes figuras dos bispos presentes, o último dos quais era o recém-sagrado, enquanto a congregação canta dum forma entusiástica o famoso hino de Lutero, apelidado por alguém de «A Marsehesa da Reforma», tal o seu poder comu-

## Aos Membros da Igreja Lusitana

(Continuação da página 1)

Estou convencido que o meu sucessor, que para se consagrar inteiramente ao Serviço de Deus e Sua Igreja, abandonou a sua profissão secular onde eram maiores, por certo, os lucros materiais, será um Servo bom e fiel, escolhendo a melhor parte, aquela que não lhe será tirada, enriquecendo-se muito mais com a Graça de Deus e tornando maior o Seu Santo Nome e Sua Igreja.

Assim, como ali disse, demos graças a Deus.

† António Fiandor

nicante de fé e decisão:

**«Castelo forte é nosso Deus Espada e bom escudo»...**

Toda a cerimónia decorreu de facto com muita elevação e unção religiosa. No fim todos se sentiam satisfeitos e alegres, abandonando assim o templo com imagens inesquecíveis e momentos que não podem olvidar-se facilmente. Que eles nos ajudem a mantermo-nos firmes na Fé uma vez dada aos Santos, e a conhecermos na ordem apostólica da Igreja uma bênção do Céu, para a divulgação do Evangelho de Cristo e anúncio da sua Graça.

Às 17 horas, houve no salão social da Catedral, uma recepção íntima a todos os visitantes e amigos do novo bispo, proferindo-se então alguns discursos e votos pelo novo bispado. O bispo D. Luís foi depois muito cumprimentado por todos os assistentes



Algumas das individualidades, assistindo à cerimónia: rev. cônego Gilpin, rev. Gage Brown, bispo S. Bayne, arcebispo de Utreque e bispo de Deventer.



# Sucessão Apostólica

Rev. dr. Daniel de Pina Cabral

EDITORIAL

(Continuação da 1.ª página)

Já no fim da cerimónia, a voz do velho bispo, cansada de muitos anos, e trémula de comoção, ouviu-se a dizer: **«Irmãos, temos novo bispo, o meu sucessor. Demos graças a Deus»**. E logo o povo ergueu ao Céu o TEDEUM LAUDAMOS das grandes horas da Igreja. Fora sagrado e entronizado (como quem diz: empossado) o novo bispo, o homem jovem que, levado pelo ancião ao lugar da presidência, com voz firme e seguro gesto da cruz, amplamente traçado sobre as cabeças dobradas dos fiéis, lançou a sua primeira bênção episcopal.

Antes desta expressiva cerimónia de sucessão no poder de governo da Igreja Lusitana, da transmissão do báculo (um cajado) do pastor de um rebanho particular para as mãos de quem lhe toma o encargo, outro momento houve, grandioso e tocante de mistério. O presbítero, eleito pelo clero e representantes do povo para ser bispo, tinha ajoelhado à entrada do santuário, e eis que seis bispos, de várias tradições, o circundam, graves e magníficos nas suas vestes estranhas de antiguidade. Estendem as mãos e as colocam sobre a cabeça do homem humilhado na sua pequenez e indignidade (\*Domine non sum dignus\*), e um deles, por todos, profere as palavras solenes: **«Recebe o Espírito Santo para o ofício e ministério de bispo na Igreja de Deus, que agora se te comete pela imposição das nossas mãos, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amen»**. Dois dos bispos, conforme a sua tradição, cada um de sua vez, pronuncia a vetusta fórmula latina: **«Accipe Spiritum Sanctum»**.

Foram dois momentos que nos ensinaram, como lição ao vivo, o sentido da sucessão apostólica.

Sucessão apostólica é o veículo e a garantia da continuidade do governo legítimo numa igreja particular. O novo bispo não assume o poder senão por via de sucessão, numa cadeia que o vincula. Não é para o seu povo um senhor discricionário, mas o órgão numa tradição local que deve acatar. No caso feliz desta sagração, ficou bem revelado que o novo bispo é o **«meu sucessor»**, o que sucede no poder, e, por isso mesmo, sucede no respeito de todas as condições que a tradição local consagrou como barreiras limitativas e orientadoras do exercício desse poder. Não recebe tão somente o encargo numa função, herda com ela o **«espírito»** em que essa função deve ser praticada.

Lembremos, por outro lado, que o novo bispo já tinha sido eleito há muito: mas **bispo** só o passou a ser desde então, o que mostra claramente não ser ele um funcionário com poderes recebidos do povo, mas um pastor que foi **«dado»** ao povo para o servir, na sucessão de um outro pastor cuja boa carreira terminara. O povo e o seu clero o olharão, não como um oficial demissível a seu gosto, antes como pai e pastor, voz do amor que consola e ensina, báculo da disciplina a respeitar.

Estes aspectos da sucessão episcopal no governo numa igreja particular não esgotam, todavia, o conceito da sucessão apostólica, como veremos.

Na regularidade de tradição da Santa Igreja Católica, a cerimónia que recordamos não foi só uma entronização, um solene acto de posse eclesiástica. Foi bem mais do que isso. Seis bispos, originários de afastadas dioceses e diferentes costumes, impuseram-lhe as mãos e o sagraram bispo. ou seja, **transmitiram-lhe a missão e autoridade apostólicas dentro da Igreja Universal**.

Não é mais só um bispo na **sua** Igreja; é bispo, sucessor dos Santos Apóstolos, em todo o orbe cristão. Anglicanos e Ortodoxos, Católicos Romanos e Velho-Católicos, e até mesmo aqueles que, fiéis às suas tradições protestantes, vivem a fé à margem do ministério episcopal histórico, o terão como Bispo.

O mandato e a graça que recebeu, através da acção sacramental desses vários bispos, a sagração, são o mandato e a graça que Cristo confiou aos Seus Apóstolos, e estes transmitiram aos seus sucessores dispersos por todo o mundo.

O novo bispo sucede na linha sagrada dos mandatários numa missão universal. Por isso que não usurpou a função nem para ela foi levado pela vontade isolada numa igreja particular, mas antes foi sagrado por outros bispos, ele é o ponto de ligação normal entre a sua igreja particular e a Igreja Ecuménica, que esses outros bispos representavam na sua sagração. É assim o enviado de toda a Igreja à **sua igreja**, e o representante válido e aceite da **sua igreja** nos Concílios da Igreja Universal. É o órgão da unidade e da continuidade católicas, no tempo e no espaço. É a garantia real, legada por Cristo às nossas almas, de que estando em comunhão com ele, como ovelhas fiéis no seu rebanho, estamos em plena e bendita união com a Santa Igreja Católica e Apostólica, confessada no velho credo da fé redentora.

Os cristãos portugueses que se colocam seriamente perante o dilema da Igreja em Portugal, sentem na nossa continuidade, na nossa liturgia, no nosso apego às tradições religiosas sãs e reais do nosso povo, (sem as adulterações pagãs que lhe foram acrescentadas) na nossa fidelidade ao Evangelho, e até na nossa oposição a Roma, vigorosa e decidida, mas sem ódios nem rancores, (aquela que esta mais teme) que o caminho não pode deixar de ser o que em 1880 foi traçado pelos nossos maiores, que então restauraram a Igreja primitiva da Lusitânia. **«NÃO PRETENDEMOS FUNDAR UMA NOVA RELIGIÃO. QUEREMOS TÃO SÓMENTE EXPURGAR A RELIGIÃO CRISTÃ DAS CORRUPÇÕES SEculares, REIVINDICAR AS LIBERDADES DA PRIMITIVA IGREJA LUSITANA — POR TANTO TEMPO SUJEITA AO JUGO ESTRANGEIRO DE ROMA — E DIFUNDIR POR TODO ESTE PAÍS UMA DOUTRINA QUE SEJA CATÓLICA E APOSTÓLICA, NUMA IGREJA PORTUGUESA E NÃO ROMANA»**.

Este desiderato era a concretização do pensamento liberal da época, representado por uma pléiade de escritores e políticos de então, e em que se esboçava, por vezes mesmo com certa clareza, os traços numa Igreja Nacional, católica, não romana, cristã evangélica, mais perto das necessidades espirituais do povo português.

Na mobilização dinâmica dos sentimentos cristãos evangélicos, numa valorização séria das suas forças e na resultante de uma união que procuramos, e da qual sentimos estar no ponto base de partida, depende o futuro cristão de Portugal, o seu ressurgimento da apatia religiosa em que mergulha, sem vibração uníssona com o mundo espiritual. Assim todos nós compreendêssemos a tragédia da Igreja com as suas divisões e nos uníssemos sem lutas e despeitos mesquinhos, a que a condição humana pecaminosa nos conduz, quando nos afastamos de Deus.



# A IGREJA LUSITANA

## e a sua importância na Reforma Religiosa do País

Rev. Saul de Sousa

O espaço de que dispomos não nos permite entrar em largas considerações sobre a origem da Antiga Igreja Lusitana. Crê-se que a sua origem remonta ao tempo dos Apóstolos. Pelo menos, já no século II, a darmos crédito ao testemunho fidedigno e insuspeito de alguns historiadores, por toda a parte da Península Ibérica se encontravam «súbditos de Cristo».

É sabido de todos que na Hispânia como na Lusitânia, a Igreja, através das várias vicissitudes por que passou, quer Visigótica ou Moçárabe, gozava da mais absoluta independência de Roma. Entre estas e outras Igrejas, tanto do Ocidente como do Oriente, havia com a Sé de Roma laços de profunda fraternidade; havia até uma certa veneração natural para com a Sé Romana, já por ser ali a Capital do Império, já por sua antiguidade e prestígio apostólico. Casos havia que, pelo que acima dissemos, e pela delicadeza dos mesmos, diversas Igrejas da Cristandade recorriam à opinião de Roma e até solicitavam que esta se pronunciasse como árbitro. Tudo isto, porém, a título natural, sem quaisquer vislumbres de obrigatoriedade ou primado de instituição divina.

Desde Recaredo, primeiro rei godo convertido ao Catolicismo, até Vitiza e Rodrigo, nenhum monarca da Península foi tributário da Sé de Roma. Só no tempo de D. Afonso VI, rei de Castela e de Leão, sob pressão e habilidade do Papa Gregório VII, depois de uma série de peripécias de triste memória, perderam as Igrejas da Península a sua independência.

Que os nossos reis, D. Afonso Henriques, D. Sancho I e D. Afonso II, em defesa das regalias nacionais, resistiram ao Papa, pelo que foram excomungados, não há a negar.

Vidé «*História da Igreja Católica em Portugal*», Tomo III, e «*Novos Elogios Históricos dos Reis de Portugal*».

Nesse sentido, todos os esforços dos nossos reis, foram baldados, razão por que, definitivamente, a Igreja Lusitana foi absorvida pela Romana.

No tempo do nosso rei D. José, por motivos não puramente religiosos mas políticos, Portugal rompeu com a Sé de Roma, mas por pouco tempo. Que esse rompimento poderia ter dado lugar a uma reforma religiosa em Portugal, está fora de cogitações. Haja em vista que o primeiro

Ministro de D. José, Marquês de Pombal, se apercebera disso, pelo que encarregara o Pe. António Pereira de Figueiredo de escrever uma obra, na qual defendia as prerrogativas da Antiga Igreja Lusitana. Foi a célebre TENTATIVA TEOLÓGICA, pela qual o erudito Pe. Figueiredo provava ser possível a Igreja prosseguir em Portugal, governada pelos nossos bispos, sem a jurisdição do bispo de Roma, o Papa. Infelizmente, motivos muito complexos para serem considerados aqui, obstaram que tal reforma se realizasse. A tentativa de reforma religiosa, no reinado de D. José, se ao que se pretendia fazer se pode dar esse nome, foi, portanto, infrutuosa: miragem do deserto, um sonho que se desvanece...

Mas, na segunda metade do século XIX, alguns clérigos e leigos, inspirados, sem dúvida, pelo exemplo das Igrejas nacionais, que haviam sacudido o jugo de Roma, reuniram-se para reivindicar e restaurar os direitos da Antiga Igreja Lusitana. O movimento Velho-Católico, que então ecludira, em alguns países, rejeitando as pretensões do papado da infalibilidade e do imaculatismo, foi algo que impulsionou os nossos reformadores. Protestando contra as últimas inovações do romanismo ultramontano, expressas no Syllabus, enfileiraram, entre outros, vultos de grande destaque e projecção, tais como: o bispo de Viseu, D. Alves Martins, Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Este último, que a si próprio se denominava «*Católico da Velha Escola*», mantinha correspondência com o teólogo alemão Döellinger, apóstolo do Movimento Velho-Católico na Baviera. Infelizmente, porém, não chegaram a entrar no movimento de restauração da Igreja Lusitana. Somos de opinião (é apenas uma opinião particular) que se naquela altura a Igreja Lusitana tivesse aderido ao Movimento Velho-Católico, de que sofreu grande influência inicial, eles teriam ficado connosco. Que a reforma da Igreja Lusitana foi de início um movimento Velho-Católico, cremos não haver alguém que o ponha em dúvida. Mesmo depois de já estar organizada, houve contactos com os Velho-Católicos, sendo a Igreja Lusitana representada no Grande Congresso Velho-Católico de 1892, pelo Lord Pillunke, Arcebispo de Dublin, presidente do Conselho de bispos da Igreja Lusitana, além de trocas de cartas, etc. No Livro «*A Reforma em Portugal*»,

da autoria do revmo. bispo-eleito D. Santos Figueiredo, podem ler-se algumas das resoluções tomadas naquele Congresso Velho-Católico.

E o objectivo dos nossos reformadores nacionais, como é do conhecimento geral, conforme podemos ver na citada obra, é bastante claro: «**O QUE PRECISAMOS EM PORTUGAL NÃO É DOCTRINAS NOVAS, MAS A VOLTA AO VERDADEIRO CATOLICISMO DA IGREJA PRIMITIVA. A IGREJA LUSITANA SÓ TEM RAZÃO DE EXISTIR TENDO POR BASE — O Catolicismo Antigo e a Independência Nacional. — PERTENCE À IGREJA LUSITANA, E NÃO A UMA ESTRANGEIRA, SER A IGREJA DO PAÍS.**».

Por isso aos Católicos romanos portugueses, usando as próprias palavras do Livro de Oração Comum: «**DIRIGIMOS O ESPECIAL CONVITE DE SE UNIREM CONNOSCO, SECUNDANDO OS NOSSOS ESFORÇOS PARA RECUPERAR AS ANTIGAS LIBERDADES E INDEPENDENCIA DA IGREJA LUSITANA.**» E aos Evangélicos, em geral, repetimos o voto, que lhes foi feito, quando da apresentação do mesmo Livro de Oração: «**QUE DEUS ABENÇOE TODOS OS ESFORÇOS EMPREGADOS NA PROPAGAÇÃO DO PURO EVANGELHO DO NOSSO SALVADOR; E QUE, FINALMENTE, LEVANTE UM MOVIMENTO NACIONAL, PELO QUAL TODAS AS CONGREGAÇÕES REFORMADAS DO PAÍS, SE LIGUEM PELO AMOR E PELA HARMONIA E ENCONTREM VÍNCULO SAGRADO NO LIVRO DE ORAÇÃO COMUM DA IGREJA LUSITANA. AMEM.**».

Se todos os Evangélicos que têm vindo trabalhar para Portugal se juntassem connosco, se nos ajudassem na obra de reforma, de que estamos empenhados, reforma de harmonia com as tradições do nosso Povo, cuja mentalidade católica, salvo raras excepções, não foi ainda obliterada; se todos procurassem prosseguir o trabalho já iniciado, em vez de abrirem novos trabalhos, que na maior parte dos casos mais confundem do que edificam os que então de fora; se em vez da dispersão de esforços estes se canalizassem numa mesma direcção, num mesmo alvo a atingir: quão grande seria o testemunho do Evangelho nesta Terra Lusa!



## Bispo D. Luís Pereira

Nasceu em Vila Franca de Xira em 1908. Depois dum curso brilhante, formou-se em medicina pela Universidade de Lisboa em 1932. Oriundo duma família de médicos, exerceu medicina na terra da sua natalidade até à data em que foi sagrado bispo. Desde novo que, depois de convertido, e desgostoso da forma como o Evangelho era considerado na Igreja oficial, onde predominava a superstição e



O dr. Luís Pereira, falando na sessão] solene, em Vila Franca de Xira

onde não se instrua directamente o povo com a Palavra de Deus, se havia consagrado ao evangelismo, pregando a doutrina de Cristo, com um entusiasmo de apóstolo, não só na sua terra natal como em outros pontos do País, onde era frequentemente convidado. A pouco e pouco, porém, sentiu, dentro em si, que algo não estava certo, quando combatia também a Igreja histórica e o seu sentido católico. No seu radicalismo havia ido longe demais. Adere portanto à Igreja Lusitana, que na sua reforma moderada, se mantinha dentro das tradições católicas do povo português e era governada num espírito democrático, em que o povo activamente tomava parte. Pregador-leigo, em 1948, cedo foi instituído diácono e, dois anos depois, recebia as Ordens de presbítero. Colocado na Igreja de S. Mateus, Vila Franca de Xira, aí exerceu o pastorado com verdadeira consagração, ao mesmo tempo que praticava medicina, e onde era estimado pela sua competência científica e séria dedicação pelos doentes. Quando abandonou a clínica, para se dedicar ao ministério episcopal, o povo da vila, numa homenagem de gratidão e apreço, fez-lhe uma manifestação grandiosa, em que tomaram parte milhares de pessoas. No Cine-Teatro da Vila houve sessão solene, presidida pelo presidente da C. M. Entre vários oradores, o prior católico-romano da localidade, enalteceu as qualidades do homenageado, com exem-

Notas sobre a

## Igreja Espanhola Reformada Episcopal

(Conclusão de página 4)

Cabrera a I. E. R. E., como sua irmã de Portugal permaneceu sob cuidado episcopal do Arcebispo de Dublin, mais tarde Arcebispo de Armagh, dr. Gregg, de grata memória.

A guerra civil da Espanha, primeiro, a segunda guerra mundial, depois, trouxeram dificuldades, inibitórias à vinda dos bispos da Irlanda à Espanha. Isso teve como consequência um grande retrocesso para a I. E. R. E. O ministério extinguiu-se. Não havia possibilidade de novas ordenações. As congregações existentes viam decorrer os anos sem que pudessem ter confirmações. Algumas das nossas congregações estiveram mais de 20 anos sem receber visita episcopal. O actual bispo da Igreja, foi 15 anos diácono, porque não havia possibilidade de ser ordenado presbítero. Era um situação de vida ou de morte. Os dois presbíteros que restavam — com mais de 70 anos e o diácono — queriam continuar a Igreja, e oraram e choraram por ela. Finalmente, em Outubro de 1951, foi permitido ao bispo de Meath, agora Arcebispo de Armagh, vir à Espanha por breves dias, ordenando nessa altura 6 presbíteros, e entre eles o diácono, rev. Santos M. Molina. A Igreja parece que ressuscitou, e aproveitando a limitada tolerância religiosa em Espanha prossegue a sua obra, «andando e chorando» com a

plo de elevado carácter cristão e marcada personalidade. Nesse mesmo dia houve um banquete, em que tomaram parte umas centenas de pessoas. Foi na reunião sinodal de 21 de Outubro de 1961 que o bispo D. Luís havia sido eleito, praticamente por unanidade, visto que apenas aparecera um voto contrário. A sua sagração, a que este número do Despertar é dedicado, realizou-se na Catedral de S. Paulo em 24 de Junho último.

«preciosa semente». Algum dia esperamos ter o regozijo de trazer bons e abundantes «molhos» (Salmo 126:6).

Depois da visita do bispo de Meath, as coisas foram mudando e criou-se uma situação mais favorável. A obra do Arcebispo de Armagh, dr. Gregg, produziu o seu fruto. Com o seu consentimento pudemos ser visitados pelo bispo Keeler. Uma série de Amigos dirigiam o seu olhar às «Igrejas da Península». O ambiente tornou-se favorável, compreendeu-se a necessidade de que estas Igrejas fossem dotadas de todos os elementos para prosseguir a vida sem interrupção, e planeou-se a sagração do actual bispo da Igreja Espanhola Reformada Episcopal, a qual foi levada a cabo no



O coro da Catedral, cantando durante a cerimónia da sagração

dia 29 de Abril de 1956. Agora a Igreja leva a sua vida normal, com todas as restrições que impõem o mínimo da tolerância religiosa em que se desenvolve.

### Imprensa Evangélica

Agradecemos ao nosso estimado colega «Portugal Evangélico» as amáveis referências que teve a gentileza de dedicar ao nosso número sobre a 3.ª Conferência Mundial do C. M. I., reunido em Dezembro, do ano passado, em Nova Delhi.



# PELA IGREJA

## Notícias do Estrangeiro

**Genebra (Suíça):** Informam-nos de Genebra, da sede do C. M. J., que o Secretariado do Vaticano para os assuntos ecuménicos, acaba de convidar, em nome do Papa João XXIII, «que tantas vezes tem manifestado o seu amor aos cristãos separados da Santa Sé», diferentes comunidades protestantes a enviar observadores-delegados ao próximo Concílio.

Entre estas diferentes comunidades, foram designadas o Conselho Mundial de Igrejas, que representa 197 igrejas diversas, a enviar 1 a 2 delegados-observadores: a comunhão Anglicana, três; a Aliança reformada mundial (presbiteriana), três; a Federação luterana mundial, dois a três; o Conselho metodista mundial, um; e a Igreja Evangélica alemã, um.

O Arcebispo da Cantuária, declarou: «As profundas diferenças doutrinais que existem entre Roma e nós, de modo algum influenciam no nosso propósito de pedir a todos os cristãos que orem para que o próximo Concílio ajude a causa do cristianismo na sua Fé e na rectidão do seu procedimento».

**Bogotá (Colômbia):** Nesta cidade, uma conferência sobre a liberdade religiosa, designou o dia 5 de Agosto próximo, como o dia de intercessão pela Igreja perseguida na Colômbia, onde nestes últimos anos, mais de cem mártires protestantes sofreram a morte, uma dezena de templos foram destruídos e mais de duzentas escolas foram fechadas.

**Washington (E. U. A.):** O embaixador da Espanha nos E. U. A., Sr. António Garriguez, declarou ultimamente em uma entrevista de imprensa: «Como católico, reconheço as faltas cometidas em Espanha, contra os protestantes. Espero que no futuro, todos os mal-entendidos sejam evitados e se patenteie aos protestantes uma situação a que têm direito pela legislação espanhola».

## Notícias do Brasil

### VI Congresso dos Juizes de Menores e Técnicos Especializados

Na segunda quinzena de Setembro do ano fluente, na Cidade de Nápoles, Itália, terá lugar o 6.º Congresso Internacional de Juizes de Menores e Técnicos Especializados, promovido pela La Asociacion International des Juges des Enfants, tendo sido convidado, por intermédio do Sínodo da Igreja Episcopal Brasileira, o rev. dr. Octacílio M. da Costa, conhecido técnico em assistência ao menor, para delegado junto ao referido conclave. O revmo. D. Plínio Lauer Simões, actual presidente do Sínodo, acaba de credenciar o rev. dr. Octacílio M. da Costa, a fim de representar a nossa Igreja no mencionado Congresso.

Ao terminar os trabalhos do mesmo, o rev. Octacílio visitará Portugal, a convite oficial da Igreja Lusitana.

É a primeira vez, que um clérigo da Igreja Episcopal Brasileira é convidado a participar oficialmente de um Congresso Internacional de Juizes de Menores e Técnicos Especializados, a fim de traçar normas em pról do menor abandonado e desajustado do mundo inteiro.

## Procurador Geral das Instituições

Pelo Conselho Nacional da Igreja Episcopal Brasileira foi eleito Procurador Geral das Instituições, que tratará de assuntos pertinentes às entidades assistenciais e educacionais das três Dioceses e das Interdiocesanas no Estado da Guanabara, o rev. dr. Octacílio M. da Costa.

## Deão da Moronvia visita a Cidade de Meninos S. Paulo Apóstolo

O rev. Sett C. Edwards, Deão da Catedral da SS. Trindade, em Moronvia, na Libéria, visitou, este mês, a Cidade de Meninos S. Paulo Apóstolo, instituição da Diocese do Brasil Central, tendo tido ótima impressão dessa instituição de amparo ao menor abandonado, existente em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro. Aproveitou os três dias de passagem pelo Rio de Janeiro, com destino aos Estados Unidos, a fim de trocar ideias com o rev. dr. Octacílio M. da Costa, Provedor da dita entidade, pois irá fundar em Moronvia uma Cidade de Meninos, sob os auspícios da Igreja Episcopal Liberana. Esse humanitário Ministro de Deus é condecorado pelo Governo da Libéria pelo que tem feito em pról dos africanos.

## Notícias de Portugal

### Visitantes

Visitaram a Igreja Lusitana, no regresso de Belfast, onde tomaram parte em Conferências sobre Educação Cristã, o rev. dr. Jaci Maraschin, e Miss Carman Wolff. O dr. Maraschin é Professor de Teologia no Seminário da Igreja Episcopal Brasileira, e Miss Wolff, que fala português correctamente, pois trabalhou sete anos no Brasil, desempenha lugar elevado no departamento de Educação Cristã da Igreja Episcopal Americana.

O dr. Maraschin, além de pregar no Culto matutino na Igreja de S. João Evangelista, dirigiu pequenos retiros tanto em Lisboa como em Gaia e, em conjunto com Miss Wolff, realizou, naquelas localidades, reuniões separadas para senhoras e homens e também reuniões «de mesa redonda» para professores de Escola Dominical.

Os nossos visitantes impressionaram profundamente todos os que com eles privaram.

### Rev. dr. Octacílio M. da Costa

Parece ser desta vez que Portugal vai ter o prazer da visita deste distinto presbítero da Igreja Brasileira e nosso querido e dedicado redactor correspondente. De volta do 6.º Congresso Internacional de Juizes de menores e técnicos especializados, em que vai como representante da Igreja Episcopal do Brasil, passará por Lisboa onde, a convite da Igreja Lusitana, permanecerá alguns dias. Dirigirá a palavra em algumas das nossas igrejas e falará da Igreja do Brasil e do seu trabalho especial «Cidade de Meninos, S. Paulo Apóstolo», instituição exemplar da Diocese Central da Igreja Brasileira. Como acima está referido foi eleito recentemente Procurador geral das Instituições Assistenciais das 3 dioceses da Igreja Episcopal Brasileira.

## Círculo Alexandre Herculano

O rev. cónego Eduardo Moreira, espírito brilhante e jovem, cujo entusiasmo pela cultura da mocidade nos contagia e nos habituámos a admirar na velha A. C. M. da R. das Gaivotas, desde os tempos de estudante, fundou há pouco, no ambiente da catedral de S. Paulo, um grupo de cultura e arte, dedicado a jovens, e a que chamou «Círculo Alexandre Herculano».

Temo-nos referido já a algumas conferências lá realizadas. Ultimamente tivemos o prazer de ouvir o rev. cónego E. Moreira numa erudita palestra «A Renascença Portuguesa em Goa, há quatro séculos» e cuja publicação integral publicaremos no próximo número. Igualmente D. Isabel Freire Messias nos deliciou com uma palestra sobre a pouco conhecida, mas grande escritora, Kahlil Gibran, ainda pouco conhecida em Portugal, mas de grande projecção universal.

## Paróq. de Cristo Remidor — Alcácer do Sal

Está praticamente concluído o templo desta congregação, faltando-nos simplesmente o mobiliário e alguns pormenores de decoração.

Em virtude da subscrição, que aqui abrimos, não ter crescido na medida das necessidades (ainda faltam cerca de 120 contos) pedimos com visível aflição nestas colunas um empréstimo sobre o qual se davam as necessárias garantias. Há sempre alguém que nos ouve. Miss Bushby, secretária em Londres do Aid Society, prontificou-se a arranjar-nos emprestado, com um juro módico e a longo prazo, (há almas que tocadas por Deus vibram ainda no sentido de ajudar o próximo) o dinheiro necessário. Além disso ainda nos enviou mais um segundo donativo.

A subscrição por conseguinte continua a fim de procurarmos cumprir os nossos compromissos e pagarmos a dívida contraída

Mas além desta subscrição, os nossos amigos e os membros da Igreja Lusitana, entusiasmados pela expansão desta Igreja em terras de Portugal, poderão contribuir oferecendo algo do mobiliário e dos pormenores de decoração que ainda nos falta.

**Altar** — oferta de Joaquim de Pina Cabral.

**Púlpito** — oferta de D. Ana de Pina Cabral.

**Candeleros de ferro forjado** — oferta de Violet Figueiredo.

**Pia baptismal** — (cerca de 3 contos)

**Orgão** — (cerca de 15 contos).

**Bancos** (20) — (cada 400\$00).

**Cadeiras** (3) — (cada 250\$00).

**Mesa para a sacristia** — oferta de Leonardo Ramalho Cardoso

**Cadeiras para o salão social** (100) — 75\$00

**Candeleros para o salão social.**

Como vemos temos bastante que escolher, se desejarmos auxiliar os nossos irmãos de Alcácer do Sal, que esperam ansiosos o dia da inauguração do seu templo.

### Subscrição

Transporte . . . . . 210.128\$20

Miss Doris Bushby, £ 2.0.0. . . . . 160\$00

210.288\$20